

IMPRESA DA UNIVERSIDADE DE COIMBRA  
COIMBRA UNIVERSITY PRESS



HOMENAGEM A  
IRENE RAMALHO SANTOS

# THE EDGE OF ONE OF MANY CIRCLES

ISABEL CALDEIRA  
GRAÇA CAPINHA  
JACINTA MATOS  
ORGANIZAÇÃO

**MARIA IRENE RAMALHO: O MODERNISMO  
NUMA PERSPETIVA COMPARATISTA**

*Patrícia Silva Oliveira e Steffen Dix*

Has space extension? Has colour colour? Does time pass?  
Is space extended? Colour coloured? Time transitory?

Fernando Pessoa (BNP/E 3; 22-7)

I see, you wish to give people new eyes,  
not to make them see some new particular thing.

Ezra Pound (“Vorticism”)

As primeiras expressões modernistas foram contemporâneas de algumas das mais influentes inovações filosóficas na viragem do século XIX para o século XX. Em 1886, na pequena aldeia suíça Sils Maria, Friedrich Nietzsche termina “um prelúdio para uma filosofia do futuro” intitulado *Jenseits von Gut und Böse* e declara a visão perspetivista como único meio legítimo de alcançar alguma objetividade. A sua reivindicação teórica de observar o mundo a partir de vários e diferentes pares de olhos foi praticada apenas alguns anos mais tarde, em Lisboa, no *drama em gente* de Fernando Pessoa. Em 1889, o filósofo francês Henri Bergson – de mãe irlandesa e pai polaco – publica o seu *Essai sur les données immédiates de la cons-*

*ciencia* e insinua que o tempo é um produto híbrido entre duração e espaço. Sem esta nova noção do tempo de Bergson, Wyndham Lewis não teria escrito *Time and Western Man* e o simultaneísmo do casal Delaunay seria algo bastante diferente. E a ‘redução fenomenológica’ do judeu alemão Edmund Husserl está presente no pensamento poético do americano Wallace Stevens ou, pelo menos, nas suas considerações sobre as relações entre a consciência e o mundo exterior. Um olhar sumário para estes pequenos exemplos será suficiente para concluir que o diferenciado olhar fenomenológico, a relativização do tempo e do espaço e a hibridização transnacional estiveram na base do modernismo. Neste sentido, a recente reivindicação de um alargamento transnacional, espacial ou temporal dos estudos modernistas não é propriamente uma inovação académica, mas reflete uma condição intrínseca dos estudos modernistas. Contudo, estas exigências teóricas têm a sua justificação, tendo contribuído para renovar a disciplina. Na sua recente recensão dos novos estudos modernistas, Douglas Mao e Rebecca Walkowitz distinguem entre as contribuições mais produtivas da investigação científica de carácter transnacional as que ‘defendem a centralidade da circulação e tradução transnacional para a produção de arte modernista’ (2008: 739), citando como exemplo *Atlantic Poets* (2003) de Maria Irene Ramalho.

Este livro despertou, muito cedo, a nossa sensibilidade para o facto de todas as literaturas e culturas modernistas estarem marcadas por um grau elevado de ‘hetero-referencialidade’. De uma forma eloquente e erudita, Maria Irene Ramalho argumenta que a obra de Fernando Pessoa pode oferecer-nos acesso privilegiado às obras poéticas de modernistas anglo-americanos, e o livro teve, assim, um impacto intelectual significativo para o nosso próprio pensamento e para os nossos próprios estudos sobre modernismos transnacionais e transatlânticos. Esta monografia ajudou-nos a perceber claramente que nenhuma literatura ou produção artística nacional pode ser

considerada como uma entidade autotélica, tendo sido complementada por estudos subsequentes, tais como o volume de ensaios que coeditou com António Sousa Ribeiro, *Translocal Modernisms*, que sublinha os ‘vários tipos de revisões translocais e transtemporais’ a que têm sido sujeitos os estudos modernistas nas duas últimas décadas (2008: 2).

Além destas extraordinárias qualidades de raciocínio, de que demos aqui apenas um pequeno exemplo, Maria Irene Ramalho mostrou-nos, na nossa convivência, sempre uma grandeza pessoal, uma disponibilidade incondicional e uma verdadeira generosidade amiga, das quais resultaram várias colaborações em livros ou *special issues* editados por nós próprios. Neste sentido, Maria Irene Ramalho representa para nós sobretudo duas coisas: ela ensinou-nos as qualidades humanas necessárias no mundo académico e deixou nas nossas mãos um excelente fio de Ariadne com o qual aprendemos a orientar-nos no fascinante mundo artístico da modernidade atlântica. Assim, ela revelou-se uma verdadeira companheira no nosso caminho intelectual, sempre salientando o facto que o nosso horizonte próprio não é o mundo inteiro.

## Obras citadas

Mao, Douglas and Rebecca L. Walkowitz. “The New Modernist Studies”. *PMLA* 123.3 (2008): 737-748. Print.

Ramalho Santos, Irene. *Atlantic Poets: Fernando Pessoa’s Turn in Anglo-American Modernism*. Hanover: University Press of New England, 2003. Print.

Ramalho Santos, Irene e António Sousa Ribeiro. *Translocal Modernisms: International Perspectives*. Bern and others: Peter Lang, 2008. Print.